

E SE UMA CARTA PUDESSE MUDAR TUDO?

*Mais de 100 milhões de livros vendidos*

# NICHOLAS SPARKS

## QUERIDO JOHN



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Micah e Christine*

# Prólogo



*Lenoir, 2006*

**O** que significa amar de verdade outra pessoa?

Houve uma época em minha vida na qual eu pensava que sabia a resposta. Eu gostava de Savannah mais do que de mim mesmo, e tinha certeza de que ficaríamos juntos pelo resto da vida. Mas eu estava errado.

Ela me disse uma vez que a chave da felicidade era ter sonhos realizáveis, e os dela não eram nada fora do comum. Casamento, família... o básico. Ter um emprego estável, uma casa com cerca branca e uma minivan grande o bastante para levar nossos filhos para a escola, para o dentista, para o treino de futebol ou para os recitais de piano. Dois ou três filhos, ela nunca foi muito clara nesse aspecto, mas meu palpite é que, quando chegasse a hora, ia sugerir que deixássemos a vida seguir seu curso e Deus tomar a decisão por nós. Savannah era assim – no âmbito religioso, quero dizer – e suponho que esse foi um dos motivos pelos quais me apaixonei por ela. Fosse lá o que fosse acontecer em nossas vidas, eu podia me imaginar deitado a seu lado na cama no fim do dia enquanto conversávamos e ríamos, perdidos nos braços um do outro.

Para duas pessoas que se amam, essa realidade não soa tão absurda assim, não é mesmo? Era o que eu pensava também. Embora uma parte de mim ainda acredite que seja possível, não vai acontecer. Quando eu for embora, será para nunca mais voltar.

Por agora, no entanto, fico sentado na encosta que dá para o rancho dela, esperando que Savannah apareça. Ela não vai poder me ver, é claro. No Exército eu aprendi muito bem a me camuflar no terreno, porque não tinha a menor vontade de morrer no meio do deserto iraquiano. Mas eu tinha que voltar para esta pequena cidade da Carolina do Norte, precisava descobrir o que havia acontecido. Queria saber a verdade.

Porém, Savannah nunca vai saber que estive aqui hoje.

Parte de mim se ressentia da ideia de ela estar tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe. Houve um tempo em que compartilhávamos a mesma história, mas isso foi há seis anos. Lembranças podem ter uma presença física, quase viva, e essa é outra característica que nos difere. Se as dela são como estrelas num céu noturno, as minhas são os espaços vazios e sombrios que existem entre elas. Tenho carregado o fardo das perguntas que me assombram desde a última vez em que estivemos juntos.

*Por que fiz isso? Eu o faria novamente?*

Foi culpa minha.

As folhas à minha volta estão apenas dando início a sua lenta transição para a cor do fogo, brilhando ao sol que vai surgindo no horizonte. Os pássaros começaram a sair dos ninhos e o ar está pleno dos aromas dos pinheiros e da terra, tão diferente do ar salgado de minha cidade natal.

A porta da frente se abre e eu a vejo. Apesar da distância que existe entre nós, prendo a respiração. Savannah se espreguiça antes de descer os degraus. Ela passa pelo portão que conduz ao pasto, que brilha como se fosse um oceano verde. Um cavalo relincha uma saudação, depois outro, e meu primeiro pensamento é que Savannah parece ser pequena demais para se movimentar com tanta tranquilidade entre eles. Mas ela sempre esteve à vontade com os cavalos. Meia dúzia deles pastava na grama junto ao mourão da cerca. Midas, seu cavalo árabe preto, estava um pouco afastado. Uma vez cavalgamos juntos e, enquanto eu me agarrava para não cair, ela se mostrava tão relaxada em sua sela que poderia estar assistindo à televisão.

Savannah para e cumprimenta Midas. Acaricia seu focinho enquanto sussurra alguma coisa, dá uma palmadinha em suas ancas e, quando se afasta, as orelhas dele se levantam ao vê-la ir para o celeiro.

Ela volta carregando dois baldes com aveia. Pendura-os em duas estacas da cerca, e alguns cavalos vão trotando até lá. Quando dá um passo para trás, vejo seu cabelo se agitar na brisa. Enquanto Midas come, Savannah o prepara para seu passeio. Poucos minutos depois, ela o está conduzindo em direção às trilhas na floresta, com a mesmíssima aparência de seis anos atrás. Sei que isso não é verdade – eu a vi de perto no ano passado e notei as primeiras rugas começando a se formar em torno de seus olhos –, mas o prisma através do qual eu a via continua a ser o mesmo. Para mim, ela

sempre terá 21 anos, e eu sempre terei 23. Eu ainda estava em meu posto na Alemanha – não tinha seguido para Fallujah, ou Bagdá, nem recebido sua carta, que li na estação ferroviária em Samawah nas primeiras semanas da campanha – e ainda voltaria para casa.

Agora, com 29 anos, às vezes me questiono quanto às escolhas que fiz. O Exército se tornou a única vida que conheço. Não sei se deveria ficar chateado ou satisfeito com isso; na maior parte do tempo, vivo mudando de ideia. Quando me perguntam, digo que sou um soldado raso, pois é assim que me vejo. Ainda moro na base militar na Alemanha, devo ter mil dólares guardados, e já faz anos que não saio com ninguém. Não pratico mais surfe, nem quando estou de licença, mas em dias de folga saio com minha Harley para o norte ou para o sul.

A moto foi a única coisa boa que comprei para mim, embora custe uma fortuna por lá. Combina comigo, pois me tornei o tipo solitário. Meus companheiros já deram baixa, mas eu provavelmente serei mandado para o Iraque nos próximos meses. Ao menos são esses os boatos que circulam na base. Quando conheci Savannah Lynn Curtis – para mim, ela será sempre Savannah Lynn Curtis –, não poderia prever que a minha vida seguiria a direção que seguiu, ou acreditar que eu faria carreira no Exército.

Mas eu a conheci, e isso é o que faz com que minha vida atual seja tão estranha. Eu me apaixonei por ela quando estávamos juntos, e me apaixonei mais profundamente nos anos em que estivemos separados. Ainda não consigo acreditar que a nossa história terminou.

Fico refletindo sobre essas coisas e, como sempre, volto a pensar no tempo em que passamos juntos. E me vejo lembrando como tudo começou, pois agora essas lembranças são tudo que me resta.

# PARTE UM

# 1



## *Wilmington, 2000*

**M**eu nome é John Tyree. Nasci em 1977 e cresci em Wilmington, Carolina do Norte, uma cidade que se gaba por ter o maior porto do estado, assim como uma longa história. Hoje parece ser mais um local que surgiu por acaso. Com certeza, o clima era ótimo e as praias, perfeitas, mas não estava preparada para a onda de aposentados ianques do norte em busca de um lugar barato onde passar seus anos dourados.

A cidade está localizada numa faixa de terra limitada de um lado pelo rio Cape Fear e, do outro, pelo oceano. A Rodovia 17, que leva a Myrtle Beach e a Charleston, divide Wilmington e funciona como a via principal. Quando era garoto, meu pai e eu conseguíamos ir de carro do distrito histórico junto ao rio até Wrightsville Beach em dez minutos, mas os tempos são outros. Tantos semáforos foram instalados, tantos shoppings construídos com o passar dos anos que o percurso agora leva uma hora, sobretudo nos fins de semana, quando a região é invadida por turistas.

Wrightsville Beach, localizada numa ilha bem perto da costa, fica na extremidade norte de Wilmington e é, de longe, uma das praias mais populares do estado. As casas ao longo das dunas são ridiculamente caras, e a maioria delas é alugada por todo o verão. Outer Banks talvez seja mais atraente para os casais, devido a seu isolamento, aos cavalos selvagens e ao voo dos irmãos Wright, mas em geral as pessoas que vão à praia nas férias se sentem mais à vontade quando têm um McDonald's ou um Burger King por perto, caso as crianças não gostem muito do cardápio local, e querem diversas opções de atividades noturnas.

Como meu pai tinha um emprego sólido, nossa situação era boa. Não maravilhosa, mas boa. Não éramos ricos, mas morávamos perto o bastante

do bairro rico para que eu pudesse estudar num dos melhores colégios da cidade. Contudo, nossa casa não era como a de meus colegas. Era velha, pequena e parte da varanda já começava a desmoronar. Acho que só o quintal se salvava.

Nele crescia um grande carvalho, onde construí uma casa quando tinha 8 anos, com as sobras de madeira de um canteiro de obras. Meu pai não me ajudou nesse projeto (se ele acertasse um prego com o martelo, consideraríamos apenas um acidente); foi no mesmo verão em que aprendi a surfar. Suponho que, na época, eu deveria ter percebido como eu era diferente dele, mas isso só mostra como sabemos pouco sobre a vida quando somos crianças.

Enquanto meu pai era passivo e introspectivo, eu estava sempre em movimento e detestava ficar sozinho; enquanto ele valorizava muito a educação, para mim a escola era como um clube social com esportes. Ele vivia encurvado e tendia a arrastar os pés quando caminhava; eu pulava de um lugar para outro, sempre pedindo que ele cronometrasse minha corrida até o fim do quarteirão e de volta. Quando estava no oitavo ano, eu já era mais alto que meu pai. Um ano depois, eu conseguia vencê-lo na queda de braço. Nossas características físicas também eram díspares: enquanto ele tinha cabelo claro, olhos cor de avelã e sardas, meu cabelo e meus olhos eram castanhos e minha pele escurecia até atingir um bronzeado profundo em maio. Alguns de nossos vizinhos se espantavam com essas diferenças, o que faz sentido, suponho, considerando que meu pai me criou por conta própria. Quando fiquei mais velho, eu o ouvia às vezes cochichando sobre o fato de minha mãe ter ido embora quando eu tinha menos de 1 dia de idade. Eu suspeitava que ela tinha encontrado outra pessoa, mas meu pai nunca confirmou isso. Tudo que ele me contou foi que ela não estava preparada para ser mãe. Ele não a xingava nem a elogiava. Aliás, sempre se assegurava de que eu a incluísse em minhas preces.

– Você me lembra sua mãe – dizia às vezes.

Nunca a conheci, e não tenho vontade de conhecê-la.

*Acho* que meu pai era feliz. Não tenho certeza porque ele quase nunca demonstrava emoções. Abraços e beijos foram coisas raras para mim enquanto eu crescia. Quando aconteciam, eu tinha a impressão de que eram sem vida, algo que meu pai fazia porque achava que devia fazer. No entanto, sei que me amava. Só não conseguia demonstrar.

Ele tinha mais vocação para ser um monge do que um pai. Foi o homem mais pacato que conheci. Fazia poucas perguntas sobre o que estava acontecendo em minha vida, raramente ficava zangado e raramente brincava. Vivia seguindo uma rotina. Fazia para mim ovos mexidos, torrada e bacon toda manhã, e me ouvia contar sobre a escola durante o jantar. Marcava consultas no dentista com dois meses de antecedência, pagava as contas na manhã de sábado, lavava roupa domingo à tarde e sempre saía de casa exatamente às 7h35. Não tinha traquejo social e todo dia passava longas horas sozinho, despejando pacotes e maços de correspondência nas caixas de correio que ficavam ao longo de sua rota. Não saía para encontros nem passava noites jogando pôquer com os amigos; o telefone podia ficar silencioso durante semanas. Quando tocava, era engano ou telemarketing. Sei como deve ter sido duro para ele me criar sozinho, mas meu pai nunca reclamou, mesmo quando o desapontei.

Eu passava as noites sozinho. Com as obrigações do dia finalmente cumpridas, ele ia para seu canto e para suas moedas. Era sua única grande paixão na vida. A maior satisfação do meu pai era ficar sentado no escritório, vendo sua coleção e tentando imaginar qual seria a próxima moeda que acrescentaria ao conjunto.

O herói de meu avô tinha sido um homem chamado Louis Eliasberg, um financista de Baltimore que fora a única pessoa a ter reunido uma coleção completa de moedas dos Estados Unidos, inclusive em todas as várias datas e marcas da casa da moeda, que rivalizava com a do Smithsonian. Após a morte de minha avó, em 1951, meu avô ficou fascinado com a ideia de fazer uma coleção com o filho. Durante os verões, ele e meu pai iam de trem a várias casas da moeda para coletar itens novos em primeira mão ou visitar diversas exposições no sudeste.

Na época eles estabeleceram relações com negociantes em todo o país, e meu avô gastou uma fortuna durante anos, negociando e melhorando a coleção. Ao contrário de Eliasberg, no entanto, meu avô não era rico. Ele tinha uma mercearia em Burgaw que fechou quando a cidade ganhou seu primeiro supermercado. Mesmo assim, cada dólar extra ia para as moedas. Meu avô vestiu o mesmo paletó durante trinta anos, dirigiu o mesmo carro durante toda a sua vida, e estou certo de que meu pai foi trabalhar nos correios em vez de ir para a faculdade porque não tinha sobrado um vintém sequer para pagar seu ensino superior. Meu avô era sem dúvida um sujeito

esquisito, assim como meu pai. *Tal pai, tal filho*. Quando o velho faleceu, ele deixou especificado no testamento que, se sua casa fosse vendida, o dinheiro seria empregado para adquirir ainda mais moedas, o que, provavelmente, era o que o filho faria de qualquer maneira.

Quando meu pai herdou a coleção, ela já era bem valiosa. No momento em que a inflação desandou e o ouro bateu em 850 dólares uma onça, ela valia uma pequena fortuna, mais que suficiente para ele se aposentar com conforto e sossego. Mas meu avô e meu pai não tinham feito aquela coleção por dinheiro; fizeram pela emoção da caça e pela ligação entre eles. Havia algo excitante na longa e difícil busca por uma moeda específica, em finalmente localizá-la, e depois nos trâmites da negociação para adquiri-la por um bom preço. Às vezes a moeda tinha um preço acessível, às vezes não, mas cada uma das peças que acrescentavam à coleção era um tesouro.

Meu pai esperava poder compartilhar comigo essa paixão, inclusive o sacrifício que isso requeria. Eu ganhava um único par de sapatos novos por ano; nunca havia dinheiro para comprar roupas. Ele não tinha uma câmera. A única foto que temos foi tirada numa exposição de moedas em Atlanta; um negociante nos fotografou quando estávamos diante de seu estande, e a enviou para nós. Durante anos ficou pendurada acima da escrivaninha de meu pai. Na foto, ele está com o braço passado por cima do meu ombro, e nós dois estamos radiantes. Tenho na mão um *buffalo nickel* 1926-D, a moeda de cobre com um búfalo numa face e uma cabeça de índio na outra, em perfeito estado, que meu pai tinha acabado de comprar. Era uma das mais raras, porém acabamos tendo que comer feijão durante um mês, pois custara mais do que ele tinha esperado.

Mas esses sacrifícios não me incomodaram – por algum tempo, pelo menos. Quando meu pai começou a falar comigo sobre moedas – eu devia estar no primeiro ou no segundo ano do ensino fundamental na época –, falou de igual para igual. Quando um adulto trata uma criança assim, ela fica entusiasmada. Naquele período eu poderia lhe dizer quantas moedas *Saint-Gaudens double eagle* foram cunhadas em 1927, em comparação com 1924, e por que um *Barber dime* de 1895 cunhado em Nova Orleans valia dez vezes mais que a mesma moeda cunhada no mesmo ano na Filadélfia. Aliás, ainda posso. Só que, ao contrário de meu pai, posteriormente comecei a perder a paixão de colecionador. Parecia ser o único assunto

sobre o qual meu pai era capaz de falar e, após seis ou sete anos de fins de semana passados com ele e não com amigos, eu queria cair fora.

Como a maioria dos meninos, comecei a me interessar por outras coisas: esportes, garotas, carros e música. Aos 14 anos, já passava pouco tempo em casa. Aos poucos, comecei a notar as diferenças no estilo de vida quando me comparava com a maioria de meus amigos. Enquanto eles tinham dinheiro para ir ao cinema ou para comprar tênis de marca, eu me via vasculhando o bolso em busca de moedas para comprar um hambúrguer no McDonald's. Alguns de meus amigos ganharam um carro quando completaram 16 anos; meu pai me deu um dólar de prata Morgan de 1883 cunhado em Carson City. Os rasgões em nosso sofá surrado eram tapados com um cobertor, e éramos a única família que eu conhecia que não possuía TV a cabo e micro-ondas. Quando a geladeira pifou, ele comprou uma usada com a tonalidade de verde mais abominável do mundo, que não combinava com nada que havia na cozinha. Fiquei constrangido ao pensar que meus amigos poderiam vir me visitar, e culpei meu pai por isso. Sei que foi um sentimento cruel – se a falta de dinheiro me incomodava tanto, eu poderia ter feito algum bico –, mas é a verdade. Embora eu hoje lamente por ter sido tão imaturo, não posso desfazer o passado.

Meu pai percebeu que algo estava mudando, mas não sabia como lidar com a situação. Então continuou fazendo o que sabia – falar sobre moedas e preparar meus desjejuns e jantares –, porém o estranhamento entre nós aumentou. Ao mesmo tempo, eu me afastava dos amigos que sempre conhecera. Eles estavam se dividindo em grupinhos, de acordo com as marcas de camisetas e tênis que compravam no shopping. Eu me sentia excluído e apenas observava. *Danem-se*, pensei. No ensino médio há lugar para qualquer um, e comecei a andar com as pessoas erradas, que não davam a mínima para nada. Passei a matar aula e a fumar, e fui suspenso três vezes por me meter em brigas.

Abandonei os esportes também. Eu corria e jogava futebol americano e basquete até o segundo ano do ensino médio. Mas às vezes, quando chegava em casa e meu pai me perguntava como eu estava indo, ele parecia ficar incomodado quando eu entrava em detalhes, pois era óbvio que não entendia nada do assunto. Meu velho nunca jogou num time em toda a sua vida. Foi assistir a um único jogo de basquete quando eu estava no segundo ano. Sentou na arquibancada, um sujeito estranho ficando careca, vestindo

um surrado paletó esporte e meias que não combinavam. Embora não fosse obeso, suas calças lhe beliscavam a cintura, fazendo com que parecesse estar grávido de três meses, e eu não queria que soubessem do nosso parentesco. Fiquei constrangido só de vê-lo e, após o jogo, eu o evitei. Não me orgulho de ter feito isso, mas eu era assim.

E as coisas ficaram ainda piores. No ano da formatura, minha rebeldia chegou ao ápice. Por preguiça e descuido, minhas notas vinham declinando havia vários anos. Mais de uma vez meu pai me flagrou voltando para casa tarde da noite e com o hálito cheirando a bebida. Fui escoltado pela polícia depois de ter sido encontrado numa festa dominada por drogas e álcool. Quando ele me mandou ficar de castigo, fugi para a casa de um amigo por algumas semanas, depois de dizer a meu pai, com raiva, que cuidasse da própria vida. Não pedi desculpas quando voltei; em vez disso, os ovos mexidos, a torrada e o bacon estavam na mesa pela manhã, como era de costume. Passei de ano raspando, e desconfio que o colégio deixou que me formasse só porque me queria fora de lá. Sei que meu pai ficou preocupado e, às vezes, com seu jeito tímido, tocava na questão da faculdade, mas eu já tinha decidido não ir. Eu queria um emprego, um carro, as coisas materiais sem as quais eu tinha vivido.

Quando se deu conta de que eu não tinha me inscrito nem mesmo para um curso profissional, meu pai se fechou no escritório pelo resto da noite e não falou comigo na manhã seguinte. No outro dia, tentou engatar outra conversa sobre moedas, como se tentando se agarrar ao companheirismo que de alguma forma se perdera entre nós.

– Lembra quando fomos para Atlanta e você encontrou aquele níquel com a cabeça de búfalo que tínhamos procurado durante tantos anos? Aquele com o qual nós tiramos uma foto?

Balancei a cabeça, toda a frustração da vida que eu levava com meu pai assomando à superfície.

– Estou farto de falar de moedas! – gritei com ele. – Não quero falar disso de novo! Você devia vender a maldita coleção e fazer outra coisa. *Qualquer coisa.*

Meu pai não disse nada, mas nunca me esquecerei de sua expressão de dor quando se enfurnou de volta no escritório. Eu o magoei. Desde então ele raramente voltou a tocar no assunto das moedas. Nem eu. Isso se tornou um abismo entre nós dois. Alguns dias mais tarde percebi que a única

foto que tínhamos juntos também se fora, como se ele acreditasse que mesmo a mais tênue referência a moedas poderia me perturbar.

Enquanto crescia, nunca considerei a possibilidade de entrar para o Exército. Apesar de a Carolina do Norte ser uma das maiores áreas militares do país – existem sete bases num raio de poucas horas de carro a partir de Wilmington –, eu costumava pensar que as Forças Armadas eram para fracassados. Que tipo de imbecil desejaria passar a vida recebendo ordens o tempo todo? Eu não!

Meus colegas de turma tinham ido para a Universidade da Carolina do Norte ou para a Universidade Estadual, enquanto os que não tinham sido bons estudantes ficaram para trás, pulando de um emprego para outro, tomando cerveja e evitando ao máximo tudo que pudesse requerer um mínimo de responsabilidade.

Eu caí nessa última categoria. Em poucos anos passei por uma sucessão de empregos: sendo ajudante de garçom no Outback, picotando ingressos no cinema local, carregando e descarregando caixas, fazendo panquecas em uma lanchonete e trabalhando como caixa em alguns lugares turísticos que vendiam porcarias.

Torrava cada vintém que ganhava, não tinha expectativa alguma sobre galgar posições de gerência, e acabava sendo despedido de cada emprego que arranjava. Por algum tempo não liguei para isso. Estava vivendo minha vida. Surfava e dormia até tarde, e como ainda morava com meu pai, não gastava nada de minha renda em coisas como aluguel, comida ou seguro. Além disso, nenhum de meus amigos estava se saindo melhor do que eu.

Um dia, eu me cansei daquela vida. Não me lembro de ter ficado especialmente infeliz, eu só não aguentava mais. Não me refiro ao surfe – em 1996, os furacões Bertha e Fran se aproximaram da costa, e aquelas foram algumas das melhores ondas em muitos anos –, mas comecei a me dar conta de que todas as noites eram iguais. Eu ficava bebendo cerveja e encontrava com alguém que tinha conhecido na escola, e um perguntava o que o outro estava fazendo. Não é preciso ser um gênio para descobrir que não tínhamos futuro algum. Nunca acreditava quando me contavam que gostavam de ser cavadores de valas, lavadores de vidraças ou transportadores de banheiros públicos, porque eu sabia muito bem que nenhuma dessas ocupações era o tipo de coisa com que tinham sonhado quando adolescentes. Eu posso ter sido preguiçoso em sala de aula, mas não era estúpido.

Saí com dezenas de mulheres durante aquele período. A maioria desses relacionamentos não vale a pena ser lembrado. Usei mulheres e me deixei ser usado, e sempre guardei os sentimentos para mim. Só meu relacionamento com uma garota chamada Lucy é que chegou a durar mais que alguns meses e, por algum tempo, antes de inevitavelmente nos separarmos, pensei estar apaixonado. Ela estudava na Universidade da Carolina do Norte, era um ano mais velha que eu e queria trabalhar em Nova York depois de se formar.

– Gosto muito de você – disse Lucy em nossa última noite juntos –, mas queremos coisas diferentes. Você tem um grande potencial, mas, por alguma razão, está satisfeito de ficar andando sem rumo. – Ela hesitou antes de continuar: – Mais do que isso, eu nunca soube o que você realmente sente por mim.

Ela tinha razão. Pouco tempo depois, Lucy foi embora de avião sem se incomodar em dizer adeus. Um ano mais tarde, depois de conseguir o número de seu telefone com os pais, liguei para ela e conversamos durante vinte minutos. Estava noiva de um advogado e ia se casar em breve.

Essa ligação me afetou mais do que eu pensei que afetaria. No mesmo dia, eu havia sido demitido – mais uma vez – e fui me consolar no bar. A mesma multidão de fracassados estava lá. Foi quando me dei conta de que não queria passar mais uma noite à toa fingindo que tudo em minha vida corria bem. Em vez disso, comprei uma embalagem de seis cervejas e fui me sentar na praia. Foi a primeira vez em anos que pensei de verdade no que estava fazendo com minha vida e me perguntei se deveria aceitar o conselho de meu pai e me formar em alguma universidade. Contudo, eu deixara de estudar havia tanto tempo que essa ideia me pareceu estranha e ridícula. Chamei isso de sorte ou azar, mas dois fuzileiros navais passaram correndo naquele momento. Jovens e atléticos, irradiavam autoconfiança. Se eles conseguiam ser assim, eu também conseguiria.

Fiquei meditando sobre o assunto por alguns dias, e no fim meu pai me ajudou a tomar a decisão. Não que eu tivesse conversado com ele sobre isso. Nós não nos falávamos. Mas uma noite eu estava indo em direção à cozinha e o vi sentado à sua escrivaninha, como sempre. Dessa vez, eu o examinei com atenção. Seu cabelo tinha ido quase todo embora, e o pouco que restara estava totalmente grisalho. Aproximava-se da aposentadoria, e

me ocorreu a ideia de que eu não tinha direito de deixá-lo na mão depois de tudo que tinha feito por mim.

Então, eu me alistei no Exército. Meu primeiro pensamento foi fazer parte dos fuzileiros navais, pois eram os caras com os quais eu tinha mais familiaridade. Wrightsville Beach estava sempre cheia de fuzileiros de Camp Lejeune ou Cherry Point, mas quando chegou a hora, escolhi o Exército. O recrutador da Marinha estava almoçando quando apareci por lá e o do Exército – cujo escritório fica bem em frente, no outro lado da rua – estava presente. No fim, a decisão parecia ter sido mais espontânea do que planejada, mas assinei na linha pontilhada para um serviço de quatro anos. Só depois que o recrutador me deu parabéns e um tapinha nas costas, me perguntei onde eu tinha me metido. Isso foi no final de 1997, e eu estava com 20 anos.

O campo de treinamento básico em Fort Benning era tão ruim quanto eu tinha imaginado. Tudo parecia ter sido projetado para nos humilhar e nos submeter a lavagem cerebral, para que obedecêssemos às ordens sem questionar, não importando quão estúpidas fossem, mas eu me adaptei mais rapidamente que muitos dos outros sujeitos. Depois de passar pelo pior, escolhi a infantaria. Durante os meses seguintes, fizemos uma série de simulações em lugares como a Louisiana e o bom e velho Fort Bragg, onde aprendemos as melhores maneiras de matar pessoas e destruir coisas.

Minha unidade fazia parte da Primeira Divisão de Infantaria – também conhecida como a Grande Divisão Vermelha –, e depois de algum tempo foi enviada para a Alemanha. Eu não falava uma só palavra em alemão, mas isso não teve importância, já que quase todo mundo com quem eu conversava falava inglês. No início foi fácil, depois se estabeleceu a verdadeira vida no Exército. Passei sete meses horríveis nos Bálcãs – primeiro na Macedônia, em 1999, depois em Kosovo, onde permaneci até o fim da primavera de 2000. A vida no Exército não era bem remunerada, mas, considerando que não havia aluguel a pagar nem despesas com alimentação, pela primeira vez na vida eu tinha dinheiro no banco. Não muito, mas o suficiente.

Passei a primeira licença em casa num tédio total. E a segunda em Las Vegas. Um de meus colegas tinha crescido lá e fomos todos parar na casa dele. Torrei quase tudo que tinha economizado. Em minha terceira licença, após ter voltado de Kosovo, eu estava precisando desesperadamente de

uma pausa de verdade, e decidi ir para casa, na esperança de que a monotonia da visita bastasse para acalmar minha mente.

Meu pai e eu quase nunca nos falávamos por telefone, mas ele me escrevia cartas, sempre postadas no primeiro dia de cada mês. Não eram como as que meus companheiros recebiam das mães, irmãs ou esposas. Nada pessoal, nada que fosse muito sentimental, e nem uma palavra insinuando que sentia minha falta. Tampouco mencionava suas queridas moedas. Em vez disso, falava sobre mudanças ocorridas na vizinhança e um bocado sobre as condições do tempo. Quando escrevi lhe contando sobre um tiroteio em que estive envolvido, ele respondeu dizendo que estava contente por eu ter sobrevivido, mas não falou mais nada a respeito. Eu soube, pelo jeito com que se expressou, que não queria ouvir nada sobre as coisas perigosas que eu fazia. O fato de eu estar em risco o amedrontava. Assim, comecei a omitir os assuntos mais assustadores e lhe enviava cartas contando como ficar de guarda à noite era sem dúvida a tarefa mais tediosa já inventada, e que a única coisa empolgante que me coube fazer durante semanas foi tentar adivinhar quantos cigarros o outro guarda ia efetivamente fumar numa única noite. Meu pai terminava todas as cartas com a promessa de que escreveria outra vez. Desde então comecei a acreditar que ele era uma pessoa muito melhor do que jamais serei.

Mas eu amadureci nos últimos três anos. Sim, eu sei, sou um clichê ambulante: entrei como um garoto, saí como um homem. Mas todo mundo no Exército é obrigado a amadurecer, ainda mais se for da infantaria. Os outros lhe entregam um equipamento que custa uma fortuna e depositam a confiança em seus ombros. Se você estragar tudo, a penalidade é muito mais rigorosa do que ir para cama sem jantar. Claro, tem muita papelada, todo mundo fuma e não há quem complete uma sentença sem um palavrão. Além disso, tem que responder aos questionários do pessoal do Centro de Treinamento de Oficiais da Reserva, caras que acabaram de sair da faculdade e pensam que soldados rasos como eu temos QIs de Neandertais. Mas você é obrigado a aprender a lição mais importante na vida: é necessário corresponder a suas responsabilidades, e é melhor que faça isso direito. Quando recebe uma ordem, você não pode recusar. Vidas dependem de você. Uma decisão errada e seu colega pode morrer. É isso que faz o Exército funcionar.

O erro que muita gente comete é se perguntar como é que soldados são capazes de arriscar suas vidas dia após dia, ou como conseguem lutar por algo em que talvez não acreditam. Ninguém faz isso. Trabalhei com soldados que eram de todos os pontos do espectro político; conheci alguns que odiavam o Exército e outros que estavam ali para fazer carreira. Encontrei gênios e idiotas, mas no fim das contas fazemos o que fazemos uns pelos outros. Por amizade. Não pelo país, não por patriotismo, não porque somos máquinas programadas para matar, mas por causa do cara que está a seu lado. Você luta por seu amigo, para mantê-lo vivo, e ele luta por você. Tudo que diz respeito ao Exército se baseia nessa simples premissa.

Entre no Exército como fumante e quase expeli um pulmão durante o treinamento no campo. Ao contrário de praticamente todos em minha unidade, parei de fumar e não toquei em cigarros durante mais de dois anos. Moderei na bebida a ponto de uma ou duas cervejas por semana ser suficiente. Meu desempenho foi impecável. Fui promovido de soldado raso a cabo e, seis meses mais tarde, a sargento. Descobri que tinha aptidão para liderar. Comandei homens em situações de troca de tiros, e meu pelotão esteve envolvido na captura de um dos mais notórios criminosos de guerra nos Bálcãs. Meu comandante me recomendou para a Escola de Candidatos a Oficial, mas eu estava indeciso quanto a me tornar ou não um oficial, pois isso significava às vezes um trabalho administrativo e ainda mais papelada.

Quando tirei a terceira licença, eu tinha ganhado 10 quilos de músculos e eliminara a flacidez de minha barriga. Passava a maior parte de meu tempo livre correndo, praticando boxe e levantamento de peso com Tony, um marombado de Nova York que sempre falava gritando, jurava que tequila era um afrodisíaco e era, de longe, meu melhor amigo na unidade.

Eu lia muito também. No Exército você dispõe de muito tempo para ler, e as pessoas trocam livros o tempo todo, ou pegam emprestado na biblioteca até as capas ficarem muito desgastadas. Não quero que tenham a impressão de que me tornei um erudito, porque não foi o caso. Eu não lia Chaucer, Proust ou Dostoiévski; lia sobretudo obras de suspense e de Stephen King e gostava particularmente de Carl Hiaasen, pois suas palavras fluíam com facilidade e ele sempre me fazia rir. Não pude deixar de pensar que, se as escolas indicassem esses livros na aula de inglês, teríamos muito mais leitores no mundo.

Ao contrário de meus colegas, eu me esquivava de qualquer companhia

feminina. Soa estranho, certo? No auge da vida, numa atividade que injetava testosterona, o que poderia ser mais natural do que buscar um pouco de alívio com a ajuda de uma mulher? Não era para mim. Militares em geral têm relacionamentos difíceis e eu tinha visto divórcios suficientes para saber disso. Eu não me incomodaria de ter a companhia de alguém especial, mas é que nunca aparecia uma pessoa assim. Tony não conseguia entender.

– Vamos sair! – pedia ele. – Vem comigo.

– Não estou a fim.

– Como pode não estar a fim? Sabine vai levar uma amiga que é deslumbrante. Alta e loura, e gosta de tequila.

– Leva o Don. Tenho certeza de que ele gostaria de ir.

– Castelow? Nem a pau! Sabine não o suporta.

Eu não disse nada.

– Vamos nos divertir um pouco.

Fiz que não com a cabeça, pensando que preferia ficar sozinho a voltar a ser o tipo de pessoa que tinha sido, mas me peguei pensando se não ia acabar sendo tão monástico quanto meu pai.

Ao ver que não ia conseguir me fazer mudar de ideia, Tony não se preocupou em esconder sua insatisfação.

– Eu não entendo você às vezes.



Meu pai não me reconheceu a princípio quando foi me buscar no aeroporto. Quase deu um pulo quando lhe toquei o ombro. Parecia menor do que eu me lembrava. Em vez de me abraçar, ele apertou minha mão e perguntou como tinha sido o voo, mas nenhum de nós dois soube o que dizer em seguida, e foi assim que saímos do aeroporto. Era estranho estar de volta, eu me sentia desorientado e inseguro, como da última vez em que saíra de licença. No estacionamento, quando joguei as coisas na mala, vi um adesivo colado na traseira de seu velho Ford Escort: “Apoiem nossas tropas.” Eu não sabia quanto meu pai realmente acreditava naquilo, mas fiquei contente de ver o gesto de carinho.

Em casa, levei minhas coisas para meu antigo quarto. Estava tudo como eu me lembrava, até mesmo os troféus cobertos de poeira em minha estante e uma garrafa meio cheia de uísque bourbon escondida no fundo da

gaveta de cuecas. O cobertor ainda estava sobre o sofá, a geladeira verde parecia gritar que não pertencia àquele lugar e a televisão pegava apenas quatro canais fora de foco. Meu pai tinha feito espaguete. Era o que comíamos às sextas-feiras. No jantar, tentamos conversar.

– É legal estar de volta.

Seu sorriso foi breve.

– Que bom – respondeu ele, bebendo um gole de leite, como sempre fazíamos no jantar.

Ele continuou concentrado em sua refeição.

– Você se lembra do Tony? Acho que falei dele em minhas cartas. Seja como for, ele acha que está apaixonado. O nome dela é Sabine, e tem uma filha de 6 anos. Eu avisei a ele que isso poderia não ser uma boa ideia, mas ele não me escuta.

Meu pai espalhou queijo parmesão no espaguete com cuidado, assegurando-se de que cada ponto recebesse a quantidade exata.

– Ah – disse ele. – Que coisa.

Depois disso, tratei de comer e nenhum de nós falou mais nada. Bebi um pouco de leite. Comi mais um pouco. O relógio tiquetaqueava na parede.

– Aposto que você está animado com sua aposentadoria. Pense nisso, você pode enfim sair de férias, conhecer o mundo!

Quase disse que ele poderia vir me visitar na Alemanha, mas não o fiz. Não queria deixá-lo constrangido. Ficamos enrolando nosso macarrão ao mesmo tempo e ele parecia considerar a melhor maneira de responder.

– Não sei – falei por fim.

Desisti de tentar conversar com ele e, a partir desse momento, os únicos sons eram os de nossos garfos tocando nos pratos. Quando terminamos de jantar, seguimos caminhos diferentes. Exausto por causa do voo, fui direto para a cama, despertando a toda hora, como acontecia lá na base.

Quando acordei, meu pai já estava no trabalho. Comi, li o jornal, tentei contactar um amigo, depois busquei minha prancha de surfe na garagem e fui para a praia. As ondas não estavam boas, mas não me importei. Fazia três anos que eu não subia numa prancha. Me senti enferrujado no início, mas até mesmo as marolinhas me deixaram feliz.

Era início de junho de 2000. Fazia muito calor e a água estava refrescante. De cima da prancha eu podia ver pessoas entrando com seus pertences em algumas das casas que ficavam logo além das dunas. Como já mencionei,

Wrightsville Beach estava sempre cheia de famílias que alugavam casas por uma semana ou mais, porém ocasionalmente os locatários eram garotas que estudavam nas faculdades de Chapel Hill ou Raleigh. Eram essas que me interessavam, e notei um grupo delas de biquíni tomando seus lugares no deque traseiro de uma das casas próximas ao píer. Eu as observei por um momento, apreciando a vista, depois peguei outra onda e passei o resto da tarde perdido em pensamentos.

Cogitei passar no bar, mas imaginei que nada ou ninguém teria mudado, exceto eu mesmo. Peguei uma garrafa de cerveja na loja da esquina e me sentei no píer para apreciar o pôr do sol. A maioria das pessoas que estava pescando por lá já tinha ido embora, e as poucas restantes limpavam os peixes. Era a hora em que a cor do oceano começava a mudar do azul-escuro para o laranja. Nas ondas que estouravam além do píer eu podia ver pelicanos pousados em troncos e golfinhos deslizando na espuma das ondas. Sabia que aquele anoitecer traria a primeira noite de lua cheia, mas não estava pensando em nada específico, só deixando minha mente vagar. Acredite, conhecer uma garota era a última coisa que me passaria pela cabeça.

Foi quando eu a vi caminhando no píer. Ou melhor, eu *as* vi. Uma era alta e loura, a outra era uma atraente morena, as duas um pouco mais novas que eu. Colegas na faculdade, muito provavelmente. Vestiam short e frente única, e a morena carregava uma dessas grandes bolsas de tricô que as pessoas trazem às vezes para a praia quando pretendem ficar lá durante horas. Eu podia ouvi-las conversando e rindo à medida que se aproximavam.

– Ei! – chamei, quando estavam perto.

Não foi nada educado de minha parte, e não posso afirmar que estivesse esperando alguma resposta. A loura deu uma olhada em minha prancha e na cerveja em minha mão e me ignorou, revirando os olhos. A morena, no entanto, me surpreendeu.

– Olá, estranho – respondeu ela com um sorriso. Olhou para minha prancha. – Aposto que as ondas estavam ótimas hoje.

Seu comentário me pegou desprevenido, e notei uma inesperada afabilidade em suas palavras. Ela e a amiga continuaram até o fim do píer, e eu me peguei olhando para a garota quando se debruçou na balaustrada. Fiquei indeciso, sem saber se ia ou não até lá me apresentar. Decidi que não. Não faziam meu tipo, ou melhor, eu provavelmente não fazia o delas. Tomei um longo gole da cerveja, tentando não prestar atenção nelas.

Por mais que tentasse, no entanto, não consegui evitar que meu olhar voltasse a se fixar na morena. Procurei não prestar atenção no que estavam dizendo, mas a loura tinha uma dessas vozes impossíveis de ignorar. Falava sem parar de um sujeito chamado Brad e de quanto ela o amava, e como sua irmandade era a melhor da universidade, e como a festa de fim de ano tinha sido a melhor de todos os tempos, e que a outra devia aderir no próximo ano, e que muitas de suas amigas estavam ficando com os piores tipos de caras das fraternidades, e uma delas até engravidara, mas a culpa era dela, pois tinha sido avisada sobre o sujeito.

A morena não falava muito. Eu não poderia dizer se ela se divertia ou se estava entediada com a conversa, mas de vez em quando ela ria. Mais uma vez, ouvi em sua voz um tom amigável e compreensivo. Quando afastei a garrafa de cerveja para um lado, vi que ela tinha posto a bolsa sobre a balaustrada.

Já estavam lá havia uns dez minutos quando dois caras subiram ao pór vestindo camisetas Lacoste, uma rosa e outra laranja, além de bermudas. Meu primeiro pensamento foi que um deles devia ser o Brad que a loura tinha mencionado. Os dois levavam cervejas e começaram a agir de forma furtiva quando se aproximaram, como se pretendessem surpreender as garotas. Talvez elas gostassem da presença deles, e após sustos, gritos e algumas palmadinhas amigáveis no braço, todos voltariam juntos, rindo e gargalhando ou fazendo aquilo que casais de estudantes universitários fazem, seja lá o que for.

Tudo poderia ter ocorrido assim mesmo, pois os garotos agiram exatamente como imaginei. Assim que chegaram bem perto, pularam em cima das garotas com um berro e as duas gritaram. Os rapazes emitiram um som que mais parecia um uivo, e o de camiseta rosa tomou um gole de cerveja. Ele se encostou na balaustrada, junto à bolsa, uma perna passada sobre a outra, os braços para trás.

– Ei, vamos preparar a fogueira daqui a pouco – disse o de laranja, passando os braços em volta da loura. Ele beijou o pescoço dela. – Vocês duas querem vir?

– Você quer? – perguntou a loura, olhando para a amiga.

– Claro – respondeu a morena.

O de rosa se afastou do parapeito, mas de algum modo sua mão devia ter esbarrado na bolsa, pois ela escorregou e caiu do outro lado. O som de impacto na água lembrou o de um peixe saltando.

- O que foi isso? – perguntou, se virando.
- Minha bolsa! – respondeu a morena, arquejando. – Você a derrubou!
- Sinto muito – disse ele, sem parecer sincero.
- Minha carteira está lá!

Ele fechou a cara.

- Eu disse que sinto muito.
- Você tem que pegá-la antes que afunde!

O garoto-propaganda da Lacoste não moveu um dedo. Ele não tinha a menor intenção de pular na água para pegar a bolsa. Era bastante provável que ele nunca a encontrasse, e depois teria de nadar toda a distância até a praia, algo não recomendável quando se esteve bebendo, como obviamente era o caso dele. Acho que a morena viu a mesma coisa na expressão do cara de camiseta rosa, pois apoiava agora as duas mãos na parte de cima do parapeito e um pé na de baixo.

– Não seja boba, ela já era – declarou o culpado, pondo as mãos sobre as dela para detê-la. – É perigoso demais. Pode haver tubarões lá embaixo. É só uma bolsa. Eu compro uma nova para você.

- Eu preciso daquela bolsa! Todo o meu dinheiro está lá!

Não era da minha conta, eu sabia. Mas tudo que consegui pensar quando me levantei de um salto e corri para a beira do píer foi: *Que se dane...*

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

